



Quarenta Anos Após o Quadragésimo Ano: Expectativas para o Futuro dos Membros Negros na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias¹

Marcus H. Martins, Ph.D.

Alguns meses atrás, em uma conferência patrocinada pelo Centro de Humanidades Tanner da Universidade de Utah, que também marcava o 40º aniversário do fim da Revelação de 1978, falei sobre algumas das minhas experiências passadas com a proibição do sacerdócio, bem como sobre algumas das minhas opiniões e expectativas para o presente e o futuro próximo dos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com ascendência africana negra. Entre os pontos que enfatizei em meu discurso naquela ocasião, destaco os seguintes:

- A grande Revelação sobre o Sacerdócio, recebida em 1º de junho de 1978 atesta que, em sua essência, a religião que professamos é primariamente uma religião de bênçãos, e não de maldições. Uma religião não baseada em preconceitos e segregação, mas sim em princípios divinamente estabelecidos de retidão, ordenanças e convênios, disponíveis para toda a humanidade.
- A Revelação de 1978 também trouxe uma lição implícita para o futuro: não se pode prestar homenagem ao passado usando como moeda de troca a dignidade dos outros no presente.
- Assim como os Lamanitas convertidos no Livro de Mórmon fortaleceram os Nefitas (Helamã 6:4-5), minha esperança para o futuro é que, em breve, vejamos cada vez mais membros negros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias sendo pessoas cuja presença aprimora e abençoa o discipulado de outros membros em Cristo.

Hoje, esta sessão específica desta conferência, patrocinada pelo Instituto Maxwell e pelo Departamento de História da BYU, nos convida a explorar as dimensões internacionais da Revelação de 1978. É uma grande honra para mim participar, e desde já devo deixar claro que minha inclusão neste programa se deve muito mais a razões históricas do que a qualquer especialização profissional da minha parte. Ingressei na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com meus pais, Helvecio e Ruda Martins, em 1972, e assim vivenciamos os últimos seis anos da proibição à ordenação de negros ao sacerdócio. E embora eu seja negro, não estudo

¹ Comentários apresentados na conferência “40 Anos: Comemorando a Revelação do Sacerdócio e do Templo de 1978”, patrocinada pelo Instituto Neal A. Maxwell para Estudos Religiosos, pelo Departamento de História e pelo Centro Kennedy da Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, em 12 de outubro de 2018. Traduzido para o português em dezembro de 2025.

as experiências de outros membros negros da Igreja. Este nunca foi um tópico de interesse para mim em minhas pesquisas. Como nasci e cresci no Rio de Janeiro, Brasil, um lugar muito miscigenado e cosmopolita, mesmo tendo vivido quase metade da minha vida nos Estados Unidos, não me encaixo no perfil típico de um "afro-americano". Mas, embora neste momento eu ainda seja muito brasileiro, incorporei muitos aspectos da cultura americana, mas não especificamente aspectos afro-americanos.

Com essas ressalvas em mente, ao refletir sobre o que dizer nesta conferência, senti-me fortemente inspirado a dar continuidade ao discurso que proferi em Salt Lake City, no dia 30 de junho deste ano, e a explorar algumas perspectivas e expectativas pessoais adicionais para os membros negros da Igreja de Jesus Cristo, mas desta vez olhando para um futuro mais distante.

Então, tenho me perguntado: agora que já se passaram 40 anos desde a Revelação de 1978, quais seriam minhas expectativas para os próximos 40 anos?

O que mais eu poderia querer ver em minhas próprias experiências nos anos que me restam — que o Presidente Gordon B. Hinckley costumava chamar de “anos dourados ornamentados com chumbo” — e nas experiências de outros membros negros da Igreja internacionalmente?

Além de saber que, durante essas quatro décadas, meus netos servirão na Igreja e meus bisnetos servirão em missões de tempo integral, eu quero ... não muito, na verdade. Mas esse pouco que eu quero é, de fato, muito significativo. Contudo, como sociólogo e discípulo de Jesus Cristo, vejo que, no cenário internacional, temos questões muito mais importantes para o futuro.

As condições do mundo estão se deteriorando a uma velocidade alarmante. Ainda enfrentamos não apenas a pobreza crônica persistente, mas também conflitos regionais intermináveis que ameaçam escalar para uma nova guerra mundial, vastos fluxos de refugiados e alterações no delicado equilíbrio da natureza que parecem afetar nosso clima de maneiras perigosas. Mas o desafio que mais me preocupa nos últimos anos é o ressurgimento do racismo.

Mais uma vez, vemos em todo o mundo ideologias racistas desprezíveis sendo usadas para justificar e reforçar sentimentos de orgulho e superioridade racial, e vemos líderes nacionais populistas usando essas mesmas ideologias desprezíveis para fins egoístas. O extremismo em suas diversas formas está ganhando terreno rapidamente, alterando o tecido social que une muitas sociedades e permite que a paz e o progresso prosperem.

Essa ameaça é tão generalizada que pode perturbar — e em alguns lugares já pode estar perturbando — o tecido que une esse subconjunto da sociedade composto por membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Somente um esforço conjunto para levar milhões de pessoas ao redor do mundo a Jesus Cristo e às verdades, ordenanças e convênios de seu evangelho restaurado poderá salvar indivíduos e famílias de um turbilhão destrutivo alimentado por partidarismo, tribalismo e fanatismo nacionalista, permeados abertamente por sexism e racismo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados aliados de diversas raças e origens étnicas uniram-se para combater o nazismo, e as condições atuais do mundo exigem que, da mesma forma, deixemos de lado outras considerações e nos concentremos na principal tarefa em mãos: resistir ao mal, purificar-nos, servir aos outros e ajudar a preparar o mundo para o glorioso retorno do Senhor Jesus Cristo.

Como a abrangência deste tema exigiria uma análise muito mais extensa do que o tempo disponível nesta conferência me permite, a partir deste ponto limitarei minha análise exclusivamente à esfera da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em vez de sociedades em geral no âmbito internacional.

Então, como podemos impedir que visões e ações racistas se tornem novamente generalizadas e (os céus nos acudam) sejam novamente institucionalizadas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias neste século 21?

Pessoalmente, em minhas próprias ações, considero que pouco me adiantaria continuar falando do passado — lamentando a proibição de ordenação de negros ao sacerdócio e as pseudodoutrinas associadas à ela. De fato, comecei a recusar convites para falar sobre esse assunto. Há apenas alguns meses, estacas na Inglaterra e em Portugal me honraram com oportunidades para discursar. Inicialmente, sugeriram a proibição ao sacerdócio como tema, mas educadamente me ofereci para falar sobre os resultados da minha pesquisa para o meu livro, intitulado “O Sacerdócio: Símbolos Terrenos e Realidades Celestiais”, que será lançado em breve. Aliás, tentei a mesma estratégia com o Departamento de História da Igreja, mas não funcionou. Os historiadores queriam minha história pessoal, não minhas opiniões sobre doutrina, e como diz o ditado, “o cliente tem sempre razão”.

E isso resume bem minha posição pessoal sobre o assunto atualmente. A proibição de ordenação de negros ao sacerdócio aconteceu. É e sempre será parte da nossa história coletiva como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas a proibição não deve ser uma grande preocupação nem ter qualquer efeito significativo em nosso presente.

Reconheço que podem existir incidentes isolados envolvendo preconceito racial em alas e estacas, nos quais se poderia apontar uma possível influência residual daquelas pseudodoutrinas usadas por quase um século para justificar a proibição ao sacerdócio. Eu mesmo tive experiências infelizes em algumas raras ocasiões. E permitam-me fazer uma breve pausa e lembrá-los novamente da possibilidade de uma diferença significativa na frequência e magnitude das minhas experiências em comparação com as dos membros afro-americanos da Igreja.

Retomando minha análise, pergunto-me: ainda haveria alguma influência residual dessas pseudodoutrinas associadas à proibição do sacerdócio no início do século 21? Em caso afirmativo, quão abrangente e eficaz seria essa influência residual?

Sejamos sinceros ... a maioria de nós muitas vezes não consegue lembrar de detalhes do que abordamos numa determinada lição de domingo apenas uma semana depois. Será que pessoas ainda citam essas ideias antigas sobre a Maldição de Caim hoje em dia? E, se o fazem, será que existem congregações inteiras que ouvem isso e ainda pensam que “os negros estão condenados”? Suponhamos que encontrássemos doze pessoas que acreditam nisso. Honestamente, no que me diz respeito, contanto que esses doze indivíduos hipotéticos não sejam escolhidos para servir no Quórum dos Doze Apóstolos, eu não perderia o sono por causa disso.

Há mais de uma década venho argumentando que este é um tempo para atividade, e não para ativismo. Acredito que é por meio do engajamento ativo e do serviço à sociedade composta pelos membros da Igreja de Jesus Cristo, que demonstraremos que, como afirmou o apóstolo Pedro, de fato “... Deus não faz acepção de pessoas; Mas ... é aceito por ele aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo.²” e também que, como afirmou Néfi, de fato “... todos são iguais perante Deus...³”.

Minha fé é que, nos próximos 40 anos, Deus continuará a inspirar as mentes desta e de futuras gerações de líderes locais da Igreja a terem cada vez mais membros de diferentes raças, etnias e origens linguísticas chamados para servir em posições de liderança em suas alas e estacas. Não meramente como cantores e dançarinos em atividades sociais, mas como parceiros iguais no ensino, no serviço e no ministério.

Tal como os antigos Lamanitas, à medida que esses membros servirem e “exortarem [outros membros] à fé e ao arrependimento ... [pregando com] grande poder e autoridade ...⁴”, o Espírito Santo tocará corações, e qualquer influência residual em potencial dessas pseudodoutrinas associadas à proibição ao sacerdócio diminuirá cada vez mais até se tornar praticamente extinta. Aquelas ideias do passado sempre estarão em nossa memória coletiva, mas não precisam existir em nossos corações.

Então, é nisso que tenho me concentrado nos últimos anos: oferecer meu serviço fiel à Igreja e à minha comunidade, e disponibilizando minhas quatro décadas de experiência profissional a organizações que precisem da minha liderança, independentemente da cor da minha pele. Ao fazer isso, espero que outros tenham percebido e continuem a perceber que a raça não é um fator significativo em nosso relacionamento, nem no serviço e na liderança, e que, aos poucos, abandonem as falsas noções de maldições e desfavor divino que foram institucionalizadas no passado.

² Novo Testamento - Atos 10:34-35

³ Livro de Mórmon - 2 Néfi 26:33

⁴ Livro de Mórmon - Helamã 6:4-5

E a minha fé é que, ao fazer isso, o bom Deus renovará e estenderá as seguintes palavras e promessas a mim e a todos os outros discípulos fiéis de Jesus Cristo, de todas as nações, raças e etnias:

“[Persevera] em teu caminho e o sacerdócio permanecerá contigo ... Teus dias são conhecidos e teus anos não serão diminuídos; portanto não temas o que o homem possa fazer, pois Deus estará contigo para todo o sempre.⁵”

“Portanto não temais ... fazei o bem; deixai que a Terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre minha rocha, eles não poderão prevalecer.⁶”

Marcus H. Martins é sociólogo, professor emérito e ex-decano de educação religiosa na Brigham Young University-Hawaii. Ele escreveu dois livros: “Setting the Record Straight: Blacks and the Mormon Priesthood” e “The Priesthood: Earthly Symbols and Heavenly Realities”. Fez palestras em conferências e eventos nos Estados Unidos (onde reside desde 1990), Brasil, China, Inglaterra, Hong Kong, Japão, Malásia, Ilhas Marshall, Portugal, Qatar e Singapura. O irmão Martins filiou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 1972 e tornou-se o primeiro santo dos últimos dias com ascendência negra africana a servir missão de tempo integral após a Revelação de 1978. Ele serviu duas vezes como bispo, sete vezes como sumo conselheiro da estaca, três vezes como oficialente do templo, tradutor do Livro de Mórmon e presidente da Missão Brasil São Paulo Norte com sua esposa, Mirian Abelin Barbosa. O casal tem quatro filhos e oito netos.

⁵ Doutrina e Convênios 122:9

⁶ Doutrina e Convênios 6:34